

Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse¹

Why Has Critique Run out of Steam? From Matters of Fact to Matters of Concern

Resumo

Este texto é a tradução de um artigo de Bruno Latour publicado originalmente em 2004, no qual, diante da recente onda de desconfiança em relação aos fatos científicos, de revisionismo quase instantâneo e de teorias da conspiração de todo tipo, ele defende a necessidade de uma redefinição dos instrumentos críticos no campo dos estudos das ciências (sciences studies). Retomando sua análise sobre a maneira como boa parte das ciências humanas, inspirada na crítica social, oscilou arbitrariamente entre as posições de fato e de fantasia para explicar seus objetos, ora considerando as ações humanas como determinadas por leis sociais ou naturais, ora dando todo poder simbólico aos humanos e os declarando fetichistas, o autor argumenta que é necessário substituir as questões de fato por questões de interesse e retornar àquilo que William James chamou de “atitude teimosamente realista”: não se afastar dos fatos, mas se aproximar deles; não desconstruir nem tirar a força dos fatos, mas acrescentar a eles ainda mais realidade.

Palavras-chave: Questões de fato; questões de interesse; estudos das ciências; crítica social; negacionismo; construtivismo; teorias da conspiração.

1 Texto original: Why Has Critique Run out of Steam? From Matters of Fact to Matters of Concern. In: *Critical Inquiry*, v. 30, n. 2, p. 225-248, 2004. A presente tradução é uma síntese de duas traduções diferentes que foram realizadas simultaneamente. Essa coincidência certamente foi motivada pela relevância que o texto adquiriu no momento atual, como o leitor poderá constatar a seguir. Agradecemos a Paulo Henrique Flores, Eduardo Viveiros de Castro, Marco Antonio Valentim e Juliana Fausto pelas excelentes sugestões. [N.T.]

* Professor emérito do Institut d'études politiques de Paris (Sciences Po Paris).
Contato: bruno.paul.latour@gmail.com

Recebido em: 11/08/2020 Aceito em: 25/08/2020

Abstract

This text is the translation of an article by Bruno Latour originally published in 2004, in which, in the face of the recent wave of mistrust of scientific facts, almost instant revisionism and conspiracy theories of all kinds, he defends the need for a redefinition of critical instruments in the field of science studies. Revisiting his previous analysis of the way in which much of the human sciences, inspired by social criticism, arbitrarily alternate between the fact and the fairy positions to explain their objects, sometimes considering human actions as determined by social or natural laws, sometimes giving all symbolic power to humans and declaring them fetishists, the author argues that it is necessary to replace matters of fact with matters of concern and return to what William James called a “stubbornly realistic attitude”: not to move away from facts, but to get even closer to them; not to deconstruct or to strip facts of their strength, but to add even more reality to them.

Keywords: matters of fact; matters of concern; science studies; social criticism; denialism; constructivism; conspiracy theories.

Apresentação dos tradutores

Alguns textos suportam mal a passagem do tempo. Outros parecem se renovar e mostrar ainda mais claramente sua relevância. No Brasil dos últimos anos, a desconfiança quanto ao conhecimento científico parece ter crescido junto à opinião pública, reforçada pela ascensão ao poder de uma extrema-direita que faz do negacionismo e da veiculação de notícias falsas um método de sua política de morte. Essa situação se agrava ainda mais no cenário atual da pandemia do Covid-19, em que nossas vidas dependem tão diretamente do resultado do trabalho dos cientistas e de como se dá sua recepção e sua incorporação no cotidiano da população como um todo, ao mesmo tempo em que acompanhamos quase passo a passo seu lento e incerto (às vezes mais lento e incerto do que gostaríamos) processo de construção dos fatos.

Dezesseis anos atrás, neste texto publicado originalmente na revista *Critical Inquiry*, o filósofo e sociólogo das ciências Bruno Latour já se inquietava com a utilização do arsenal (ou pelo menos uma caricatura dele) da crítica social por toda sorte de teorias conspiratórias. E se perguntava: teremos sido nós, nos

estudos das ciências, os responsáveis por toda essa enxurrada de teorias da conspiração e dos mais rasos relativismos? Por que, ao mesmo tempo em que condenamos os negacionistas, continuamos hesitando em dizer que “o aquecimento global é um fato, quer você queira ou não”? Diante de questões como essas, o artigo sugere que a crítica deve reavaliar seu alvo e rever suas estratégias.

É com grande prazer que apresentamos aqui a tradução ao português deste belo e fundamental artigo, que fala da importância de uma retomada da postura realista – lembrando que, como diria Whitehead, é da realidade inteira que precisamos, e não de parte dela. A crítica, se quiser se renovar e se tornar novamente relevante, como adverte o autor, deve *adicionar* realidade a seu objeto, ao invés de *subtraí-la*.

Guerras. Tantas guerras. Guerras externas e internas. Guerras culturais, guerras das ciências e guerras contra o terrorismo. Guerras contra a pobreza e guerras contra os pobres. Guerras contra a ignorância e guerras por ignorância. Minha pergunta é simples: deveríamos estar em guerra também, nós os acadêmicos, os intelectuais? Será realmente nosso dever adicionar mais ruínas às ruínas? Será realmente tarefa das humanidades adicionar desconstrução à destruição? Mais iconoclastia à iconoclastia? O que aconteceu com o espírito crítico? Perdeu a força?

Dito de maneira simples, minha preocupação é que estejamos mirando no alvo errado. Para continuar com a metáfora bélica, especialistas militares revisam constantemente suas estratégias, seus planos de contingência, o tamanho, a direção e a tecnologia de seus projéteis, suas bombas inteligentes, seus mísseis. Então por que apenas nós estaríamos dispensados desse tipo de revisão? Não me parece que tenhamos sido igualmente ágeis, na academia, em nos prepararmos para novas ameaças, novos perigos, novas tarefas, novos alvos. Não estaríamos na situação daqueles brinquedos mecânicos que repetem infindavelmente o mesmo gesto, mesmo quando tudo ao seu redor já mudou? Não seria terrível se ainda estivéssemos treinando jovens – sim, jovens recrutas, jovens cadetes – para guerras que já não são mais possíveis, para combater inimigos há muito desaparecidos, conquistar territórios que não existem mais, deixando-os mal equipados diante de ameaças que não tínhamos previsto, para as quais estamos tão inteiramente despreparados? Os generais sempre foram acusados de estarem prontos para a guerra passada

– especialmente os generais franceses, especialmente nos dias de hoje. Seria tão surpreendente se os intelectuais também estivessem travando uma guerra atrasada, uma crítica atrasada – especialmente os intelectuais franceses, especialmente agora? Afinal, faz muito tempo desde que os intelectuais estiveram na vanguarda. Na verdade, já faz muito tempo desde que a própria noção de vanguarda – o proletariado, os artistas de vanguarda – passou, suplantada por outras forças, movida para a retaguarda, ou talvez amontoada no vagão de carga.² Ainda somos capazes de reproduzir os movimentos de uma vanguarda crítica, mas será que o espírito do tempo não passou? Nestes tempos tão deprimentes, tais são alguns dos problemas em que quero insistir, não para deprimir o leitor, mas para levar adiante, para redirecionar nossas parcas capacidades o mais rápido possível. Para provar o que tenho a dizer, irei me apoiar, não exatamente em fatos, mas em pequenas pistas, em dúvidas incômodas, em sinais perturbadores. O que aconteceu com a crítica, quando um editorial do *The New York Times* contém a seguinte citação?

A maioria dos cientistas acredita que o aquecimento [global] é causado em grande parte por poluentes de origem humana que exigem uma regulamentação rigorosa. Luntz [um estrategista republicano] parece reconhecer isso quando diz que “o debate científico está se fechando contra nós”. Seu conselho, no entanto, é enfatizar que as evidências não são conclusivas.

“Caso o público venha a acreditar que as questões científicas estão resolvidas”, escreve, “sua opinião sobre o aquecimento global também mudará. Portanto, precisamos continuar fazendo da ausência de certeza científica uma questão primordial.”³

2 Sobre o que aconteceu com a vanguarda e a crítica em geral, ver Latour, Bruno; Weibel, Peter (org.). *Iconoclash: Beyond the Image Wars in Science, Religion and Art*. Cambridge: MIT Press, 2002. Este artigo é uma exploração do que poderia acontecer além das guerras de imagens.

3 “Environmental Word Games”, *The New York Times*, 15 de março de 2003, p. A16. Luntz parece ter tido muito sucesso; li mais tarde em um editorial no *Wall Street Journal*:

Existe uma maneira melhor [do que aprovar uma lei que restringe os negócios], que é continuar discutindo os méritos. Não há consenso científico de que os gases do efeito estufa sejam a causa da leve tendência de aquecimento global, muito menos que esse aquecimento fará mais mal do que bem, ou sequer que possamos fazer algo a respeito.

Uma vez que os republicanos admitam que os gases de efeito estufa devem ser controlados, será apenas uma questão de tempo para que acabem endossando uma regulamentação mais prejudicial economicamente. Ao invés disso, eles devem seguir seus princípios e tentar educar o público.

[A Republican Kyoto, Wall Street Journal, 8 de abril de 2003, p. A14.]

E a mesma publicação ainda reclama sobre a “relação patológica” da opinião das ruas [“Arab street” – N.T.] com a verdade!

Já imaginaram? Uma controvérsia científica mantida artificialmente para favorecer um “brownlash”, como diriam Paul e Anne Ehrlich.⁴

Percebem minha preocupação? Eu mesmo passei bastante tempo no passado tentando mostrar “*a falta de certeza científica*” inerente à construção dos fatos. Também eu fiz disso uma “questão primordial”. Mas não pretendia exatamente enganar o público, obscurecendo a certeza de um debate encerrado – ou pretendia? Afinal de contas, fui acusado exatamente desse pecado. Ainda assim, quero acreditar que, pelo contrário, eu pretendia *emancipar* o público de fatos prematuramente naturalizados e objetivados. Estaria eu tolamente enganado? Ou será que as coisas mudaram muito rapidamente?

Nesse caso, o perigo não viria mais de uma confiança excessiva em argumentos ideológicos postulados como fatos⁵ – que aprendemos a combater tão eficientemente no passado – mas de um excesso de desconfiança em boas questões de fato disfarçadas de maus preconceitos ideológicos! Passamos anos tentando detectar os verdadeiros preconceitos ocultos por trás da aparência de declarações objetivas, e agora precisamos revelar os fatos reais, objetivos e incontestáveis escondidos por trás da *ilusão* de preconceitos? E, entretanto, programas inteiros de pós-graduação ainda tentam garantir que bons jovens americanos aprendam da maneira mais difícil que os fatos são inventados, que não existe acesso natural, imparcial e sem mediações à verdade, que somos sempre prisioneiros da linguagem, que sempre falamos de um ponto de vista particular, e assim por diante, enquanto extremistas perigosos estão usando o mesmo argumento da construção social para destruir provas duramente conquistadas que poderiam salvar nossas vidas. Terei eu cometido um erro ao participar da invenção desse campo conhecido como *Science studies*?⁶ É suficiente dizer que não queríamos realmente dizer o que dissemos? Por que me queima a língua afirmar que o aquecimento global é um fato, quer você queira ou não? Por que não posso simplesmente dizer que o debate está encerrado de vez?

4 Ehrlich, Paul R.; Ehrlich, Anne H.. *Betrayal of Science and Reason: How anti-environment rhetoric threatens our future*. Washington, D.C: Island Press, 1997.

5 No original, “matters of fact”. As expressões *matters of fact* e *matters of concern* foram traduzidas aqui como, respectivamente, “questões de fato” ou simplesmente “fatos” (dependendo do contexto) e como “questões de interesse”. [N.T.]

6 *Science Studies*, daqui por diante em português, *estudos das ciências*, é o campo interdisciplinar no qual Latour desenvolveu a maior parte de seus trabalhos. [N.T.]

Devo me tranquilizar dizendo simplesmente que os vilões podem usar qualquer arma ao alcance da mão, seja ela os fatos naturalizados ou a construção social, conforme lhes convenha? Devemos pedir desculpas por termos errado esse tempo todo? Ou deveríamos antes apontar a espada da crítica para a própria crítica e fazer um pequeno exame de consciência: o que queríamos realmente enquanto estávamos tão empenhados em mostrar a construção social dos fatos científicos? Nada garante, afinal, que devemos estar sempre certos. Não há terra firme nem mesmo para a crítica.⁷ Não é isso que a crítica pretendia dizer? Que não há terreno seguro em nenhum lugar? Mas o que significa quando essa inexistência de terra firme nos é roubada pelos piores sujeitos possíveis e se torna um argumento contra as coisas que prezamos?

Controvérsias mantidas artificialmente não são o único sinal preocupante. O que se tornou a crítica quando um general francês, ou melhor, um marechal da crítica, Jean Baudrillard, afirmou em um livro que as Torres Gêmeas destruíram a si mesmas com seu próprio peso, por assim dizer, minadas pelo niilismo absoluto inerente ao capitalismo – como se os aviões terroristas tivessem sido levados ao suicídio pela poderosa atração desse buraco negro que é o nada?⁸ O que se tornou a crítica, quando um livro que afirma que nenhum avião jamais colidiu com o Pentágono pode virar um best-seller? Tenho até vergonha de dizer que o autor também era francês.⁹ Vocês se lembram dos bons e velhos tempos em que o revisionismo chegava muito tarde, depois que os fatos já tinham sido completamente estabelecidos, décadas após o acúmulo de evidências? Agora nós temos o benefício do que pode ser chamado de *revisionismo instantâneo*. A poeira do evento ainda nem acabou de baixar, e dezenas de teorias conspiratórias já começam a questionar a versão oficial, acrescentando ainda mais ruínas às ruínas, mais fumaça à fumaça. O que se tornou a crítica, quando meu vizinho na pequena vila da região de Bourbonnais onde moro me olha como se eu fosse alguém irremediavelmente ingênuo, porque acredito que os Estados Unidos foram atacados por terroristas? Lembram-se

7 A metáfora da areia movediça foi usada pelos neomodernistas em suas críticas aos estudos das ciências; ver Koertge, Noretta (org.). *A House Built on Sand: Exposing Postmodernist Myths about Science*. Oxford: Oxford University Press, 1998. O problema é que os autores desse livro olharam para trás, tentando reentrar no sólido castelo de pedras do modernismo, ao invés de olharem para o que chamo, por falta de um termo melhor, não-modernismo.

8 Ver Baudrillard, Jean. *The Spirit of Terrorism e Requiem for the Twin Towers*. Nova York: Verso, 2002.

9 Ver Meyssan, Thierry. *911: The Big Lie*. Londres: Carnot Pub, 2002. Teorias da conspiração sempre existiram; a novidade no revisionismo instantâneo é a quantidade de provas científicas que eles reivindicam.

dos bons e velhos tempos, quando os professores universitários podiam menosprezar pessoas pouco sofisticadas, porque aqueles caipiras ingênuos acreditavam na Igreja, na família e nos valores tradicionais? As coisas mudaram muito, pelo menos na minha aldeia. Agora sou eu quem ingenuamente acredita em alguns fatos porque sou educado, enquanto os outros caras são *muito pouco* sofisticados para serem crédulos: “Por onde você andou? Não sabe que foi o Mossad e a CIA que fizeram isso?” O que se tornou a crítica quando alguém tão eminente como Stanley Fish, o “inimigo das promessas”, como Lindsay Waters o chama,¹⁰ acredita estar defendendo os estudos das ciências, meu campo, ao comparar as leis da física com as regras do baseball? O que se tornou a crítica quando há toda uma indústria para negar que o programa Apollo tenha pousado na Lua? O que se tornou a crítica quando o DARPA¹¹ usa em seu projeto *Total Information Awareness* o slogan baconiano *Scientia est potentia*? Eu já não li isso em algum lugar em Michel Foucault? Será que o conceito de saber-poder acabou sendo adotado pela Agência de Segurança Nacional? *Vigiar e Punir* se tornou o livro de cabeceira do Mr. Ridge (fig. 1)?



Figura 1

10 Ver Waters, Lindsay. *Enemies of Promise: publishing, perishing and the eclipse of scholarship*. Chicago: Prickly Paradigm, 2004; ver também Paumgarten, Nick. Dept. of Super Slo-Mo: No Flag on the Play. *The New Yorker*, 20 Jan. 2003, p. 32.

11 Defense Advanced Research Projects Agency [N.T.]

Permitam-me ser maldoso por um instante. Qual a real diferença entre os conspiracionistas e uma versão popularizada, isto é, didática da crítica social inspirada por uma leitura demasiado rápida de, digamos, um sociólogo tão eminente quanto Pierre Bourdieu (por delicadeza, vou ficar aqui com os oficiais franceses)? Nos dois casos, é preciso aprender a desconfiar de tudo que as pessoas dizem, porque é claro que todos sabemos que elas vivem sob o domínio de uma completa *illusio* de seus reais motivos. Então, depois que a descrença se instala e que surge a necessidade de uma explicação para o que realmente está acontecendo, novamente, em ambos os casos, há o mesmo apelo a agentes poderosos escondidos nas sombras, agindo sempre de forma consistente, contínua, implacável. É claro que nós, na academia, gostamos de usar causas mais elevadas – a sociedade, o discurso, o saber-poder, os campos de forças, os impérios, o capitalismo –, enquanto os conspiracionistas gostam de retratar um bando miserável de pessoas gananciosas com intenções sombrias; mas vejo algo preocupantemente semelhante na estrutura da explicação, primeiro no movimento de descrença e, depois, no desfiar de explicações causais que emergem do fundo da escuridão. E se as explicações que apelam automaticamente para o poder, a sociedade, o discurso perderam sua utilidade e se deterioraram ao ponto de agora alimentar o tipo mais crédulo de crítica?¹² Talvez eu esteja levando as teorias da conspiração excessivamente a sério, mas me preocupa detectar muitas das armas da crítica social naquelas misturas bizarras de incredulidade desesperada, exigência fervorosa de provas e livre uso de explicações poderosas vindas da *terra do nunca* do social. É claro que as teorias da conspiração são uma deformação absurda dos nossos argumentos, mas, assim como armas contrabandeadas através de uma fronteira nebulosa para a facção errada, estas ainda são as nossas armas. Apesar de todas as deformações, é fácil reconhecer, ainda gravada no aço, nossa marca registrada: *Made in Criticalland*.

Veem por que estou preocupado? As ameaças podem ter mudado tanto que talvez ainda estejamos dirigindo todo o nosso arsenal para leste ou para oeste, enquanto o inimigo se deslocou para um lugar muito diferente. Afinal, grandes quantidades de mísseis atômicos se transformam em uma enorme pilha de lixo

12 Tanto as versões mais sérias quanto as popularizadas têm o defeito de usar a sociedade como uma causa já existente e não como uma consequência possível. Essa foi a crítica que Gabriel Tarde sempre fez contra Durkheim. São provavelmente essas noções de social e sociedade as responsáveis pelo enfraquecimento da crítica. Tentei mostrar isso em Latour, Bruno. “Gabriel Tarde and the End of the Social”. In Joyce, Patrick (org.), *The Social in Question: New Bearing in History and the Social Sciences*. Londres: Routledge, 2002, p. 117–132.

quando a questão se torna como se defender de militantes armados com estiletos ou bombas sujas. Por que não seria o mesmo com o nosso arsenal crítico, com as bombas de nêutrons da desconstrução, com os mísseis da análise do discurso? Ou talvez a crítica tenha sido miniaturizada como foram os computadores. Sempre me impressionou como aquilo que exigia um enorme esforço, que ocupava salas enormes e custava muito suor e dinheiro para pessoas como Nietzsche e Benjamin pode hoje ser adquirido por uma bagatela – muito parecido com os supercomputadores da década de 1950, que costumavam ocupar amplos salões e consumiam uma grande quantidade de eletricidade e calor, mas agora são acessíveis por alguns centavos, e não são maiores do que uma unha. Como dizia o recente anúncio de um filme de Hollywood: “Tudo é suspeito... Todo mundo está à venda... E nada é o que parece.”

O que está acontecendo comigo, vocês talvez se perguntem? Isso é um caso de crise de meia idade? Não, infelizmente, já passei da meia-idade há muito tempo. É despeito elitista por causa da popularização da crítica? Como se a crítica devesse ser reservada à elite e continuar difícil e extenuante, como o alpinismo ou o iatismo, e já não valha mais a pena se qualquer um puder praticá-la por uns trocados? O que haveria de tão ruim na crítica para o povo? Temos reclamado tanto das massas crédulas, que engolem fatos naturalizados. Seria muito injusto agora desacreditar essas mesmas massas por seu – como chamá-lo – criticismo ingênuo. Ou poderia ser um caso de radicalismo enlouquecido, como quando uma revolução devora seus filhos? Ou melhor, será que nos comportamos como cientistas loucos que deixaram o vírus da crítica escapar dos laboratórios e agora não podem fazer nada para limitar seus efeitos deletérios, e então o vírus sofre uma mutação, roendo tudo, até os recipientes onde são mantidos? Ou será mais um caso do famoso poder do capitalismo de reciclar tudo que visa à sua destruição? Como dizem Luc Boltanski e Eve Chiapello, o novo espírito do capitalismo fez bom uso da crítica artística que deveria destruí-lo.¹³ Se o burguês denso e moralista com seu charuto, o burguês reacionário, pode se transformar em um boêmio agnóstico e volátil, trocando de opiniões e de redes, e movimentando capital de um extremo ao outro do planeta sem qualquer apego, por que ele ou ela não seria capaz de absorver as ferramentas mais sofisticadas da desconstrução, da construção social, da análise do discurso, do pós-modernismo, da pós-logia?

Apesar do meu tom, não estou tentando reverter o curso e virar reacionário, nem lamentar o que fiz e jurar que nunca mais serei um construtivista.

13 Ver Boltanski, Luc; Chiapello, Eve. *Le nouvel esprit du capitalisme*. Paris: Gallimard, 1999.

Eu só quero fazer o que todo bom oficial militar faria em intervalos regulares: reavaliar seu equipamento e treinamento em função das novas ameaças que ele ou ela tem de enfrentar – e, se necessário, revisar do zero toda a parafernália. Isso não significa para nós, assim como não significa para o oficial, que estávamos errados, mas apenas que a história muda rapidamente, e que não há crime intelectual maior do que enfrentar os desafios do presente com equipamentos feitos para uma época mais antiga. Seja qual for o caso, nosso equipamento crítico merece passar pelo escrutínio da crítica tanto quanto as despesas do Pentágono.

Meu argumento é que uma certa forma de espírito crítico nos levou ao caminho errado, encorajando-nos a combater os inimigos errados e, pior de tudo, a sermos considerados amigos pelo tipo errado de aliados, e isso por causa de um pequeno erro na definição do seu alvo principal. A questão nunca foi se *afastar* dos fatos, mas sim se *aproximar* deles, não foi combater o empirismo, mas, pelo contrário, renová-lo.

O que vou argumentar é que, para que a mente crítica se renove e se torne mais uma vez relevante, ela precisa cultivar uma *atitude realista teimosa* – para falar como William James –, mas um realismo voltado para o que eu chamarei de questões de interesse, não questões de fato. O erro que nós cometemos, o erro que eu cometi, foi acreditar que a única maneira eficaz de criticar os fatos era se *afastar* deles, direcionando a atenção para as *condições* que os tornaram possíveis. Mas isso significou aceitar de forma muito *pouco* crítica o que eram as questões de fato. Houve uma fidelidade exagerada à infeliz solução herdada da filosofia de Immanuel Kant. A crítica não foi suficientemente crítica, apesar de toda a sua obsessão. A realidade não é definida por fatos. Os fatos não são a única coisa que é dada na experiência. Eu diria que as questões de fato são versões muito parciais, muito polêmicas e políticas das questões de interesse, e apenas um subconjunto do que também poderia ser dito o *estado de coisas*. É este segundo empirismo, este retorno à atitude realista, que eu gostaria de propor como a próxima tarefa para aqueles de espírito crítico.

Para indicar a direção do argumento, quero mostrar que, embora o Iluminismo tenha se beneficiado amplamente da disponibilidade de uma ferramenta descritiva muito poderosa, a das questões de fato, que foram excelentes para *desmascarar* muitas crenças, poderes e ilusões, ele se viu totalmente desarmado uma vez que os fatos, por sua vez, foram devorados pelo mesmo ímpeto de desmascaramento. Depois disso, as luzes do Iluminismo foram lentamente se apagando, e uma espécie de escuridão parece ter se abatido sobre os campi. Minha pergunta é a seguinte: podemos conceber uma outra ferramenta descritiva igualmente poderosa, que lide desta vez com *questões de interesse* e cuja

importância então não seja mais desmascarar, mas proteger e cuidar, como diria Donna Haraway? Será realmente possível transformar o ímpeto crítico no *ethos* de alguém que *acrescente* realidade aos fatos ao invés de *subtraí-la*? Em outras palavras, qual a diferença entre desconstrução e construtivismo?

“Até agora”, vocês poderiam contestar, “as perspectivas não parecem muito boas, e você, Monsieur Latour, parece a pessoa menos capaz de cumprir essa promessa, porque passou a vida desmascarando o que até então os outros críticos, mais polidos, pelo menos haviam respeitado, ou seja, as questões de fato e a própria ciência. Você pode passar farinha nas mãos o quanto quiser, mas o pelo preto do lobo crítico sempre o trairá;¹⁴ seus dentes desconstrutivos já foram afiados demais em nossos laboratórios – digo cordeiros!¹⁵ – para que acreditemos em você.” Bem, vejam, é justamente esse o problema: eu escrevi cerca de uma dúzia de livros para inspirar respeito (alguns disseram que foi antes para glorificar acriticamente) pelos objetos da ciência e da tecnologia, da arte, da religião e, mais recentemente, do direito, mostrando cada vez com mais detalhes a completa implausibilidade de esses objetos serem explicados socialmente, e ainda assim o único barulho que os leitores ouvem é o ranger dos dentes do lobo. Será realmente impossível resolver a questão, escrever não ao modo das questões de fato, mas ao modo das questões de interesse?¹⁶

Martin Heidegger, como todo filósofo sabe, meditou muitas vezes sobre a etimologia antiga da palavra *coisa* (*thing*).¹⁷ Todos agora estamos cientes de que, em todas as línguas europeias, incluindo o russo, existe uma forte conexão entre as palavras para “coisa” e para uma assembleia quase judicial. Os islandeses se orgulham de ter o Parlamento mais antigo, que eles chamam de *Althing*, e em muitos países escandinavos ainda é possível visitar lugares de reunião designados pela palavra *Ding* ou *Thing*. Ora, não é extraordinário que o termo tão banal que usamos para designar o que está lá fora, inquestionavelmente, uma coisa, aquilo que está fora de qualquer discussão, fora da linguagem, seja também a palavra mais antiga que todos nós usamos para designar o mais antigo dos locais onde nossos ancestrais faziam seus acordos

14 Referência ao conto dos irmãos Grimm O Lobo e os Sete Cordeiros [N.T].

15 Jogo de palavras entre *labs* [laboratórios] e *lambs* [cordeiros]. [N.T.]

16 Esta é a conquista do grande romancista Richard Powers, cujas histórias são cuidadosas e, na minha opinião, investigações magistras sobre esse novo “realismo”. Especialmente relevante para este artigo é Powers, Richard. *Plowing the Dark*. Nova York: Picador USA, 2000.

17 Optamos por traduzir “thing” por “coisa” apenas quando iniciada por letra minúscula. Caso contrário, mantivemos o termo original no texto em inglês, Thing. [N.T.]

e tentavam resolver suas disputas?¹⁸ Uma coisa é, em um certo sentido, um objeto lá fora e, em outro, uma *questão*¹⁹ lá dentro, em todo caso, uma *reunião*. Para usar, agora com mais precisão, o termo que introduzi antes, a mesma palavra *coisa* designa questões de fato e questões de interesse.

Desnecessário dizer que, embora desenvolva essa etimologia longamente, tal não foi o caminho que Heidegger seguiu. Pelo contrário, todos os seus escritos pretendem distinguir o mais nitidamente possível os objetos, *Gegenstand*,²⁰ da tão célebre *Thing*. A jarra feita à mão pode ser uma coisa, enquanto a lata de Coca-Cola fabricada industrialmente continua sendo um objeto. Enquanto a última é entregue ao domínio vazio da ciência e da tecnologia, apenas a primeira, envolta no idioma respeitoso da arte, do artesanato e da poesia, poderia acionar e reunir seu rico conjunto de conexões.²¹ Essa bifurcação é marcada muitas vezes, mas de maneira mais incisiva em seu livro sobre Kant:

*Essas questões permanecem em aberto até hoje. Sua questionabilidade é ocultada pelos resultados e pelo progresso do trabalho científico. Uma dessas questões candentes diz respeito à justificação e aos limites do formalismo matemático, em contraste com a exigência de um retorno imediato à natureza intuitivamente dada.*²²

O que aconteceu com aqueles que, como Heidegger, tentaram encontrar seus caminhos no imediatez, na intuição, na natureza é triste demais para contar mais uma vez – e de qualquer forma a história é bem conhecida. O certo é que aquelas trilhas longe da estrada não conduziam a lugar algum. Ainda assim, Heidegger, quando leva a jarra a sério, nos fornece um vocabulário poderoso para falar também do objeto, que ele tanto despreza. O que aconteceria, eu me pergunto, se tentássemos falar sobre o objeto da ciência e da tecnologia, o *Gegenstand*, como se tivesse as qualidades ricas e complicadas da célebre *Thing*?

18 Ver a pesquisa deste notável estudioso francês do direito romano, Yan Thomas: Thomas, Yan. Res, chose et patrimoine: note sur le rapport sujet-objet en Droit romain. *Archives de Philosophie Du Droit*, [S.l.], v. 25, p. 413-426, 1980.

19 No original: “an issue very much in there” [N.T. Grifos do autor].

20 Mantivemos o singular usado pelo autor, embora o plural que corresponderia a “objetos” se diga *Gegenstände* em alemão. [N. T.]

21 Ver Harman, Graham. *Tool-Being: Heidegger and the Metaphysics of Objects*. Chicago: Open Courts, 2002.

22 Heidegger, Martin. *What is a Thing?* Chicago: H. Regnery Co., 1967, p. 95.

O problema dos filósofos é que, por seu trabalho ser tão difícil, eles bebem muito café, e por isso usam em seus argumentos uma quantidade excessiva de xícaras, canecas e jarras – às quais, ocasionalmente, acrescentam uma pedra. Mas, como Ludwik Fleck observou há muito tempo, seus objetos nunca são complicados o suficiente; mais precisamente, esses objetos nunca são *feitos* simultaneamente de uma história complexa e de participantes novos, reais e *interessantes* do universo.²³ A filosofia nunca lida com o tipo de seres com que nós lidamos nos *estudos das ciências*. E é por isso que os debates entre realismo e relativismo nunca chegam em lugar nenhum. Como Ian Hacking demonstrou recentemente, a maneira como uma pedra é abordada no discurso filosófico é totalmente diferente se você usar uma pedra qualquer para defender o seu ponto (geralmente para lapidar um relativista de passagem!) ou se usar, por exemplo, uma dolomita, como ele mesmo fez de forma tão bela.²⁴ A primeira pode ser transformada em um fato, mas não a segunda. A dolomita é tão maravilhosamente complexa e emaranhada que resiste a ser tratada como um fato. Também ela pode ser descrita como uma reunião; também ela pode ser vista como implicando a Quadratura. Por que não tentar retratá-la com o mesmo entusiasmo, engajamento e complexidade que a jarra heideggeriana? O erro de Heidegger não foi ter tratado bem demais da jarra, mas ter traçado uma dicotomia entre *Gegenstand* e *Thing*, sem nenhuma justificativa exceto o mais grosseiro dos preconceitos.

Há vários anos, um outro filósofo, muito mais próximo da história da ciência, Michel Serres, também francês mas desta vez o mais alheio possível à crítica, refletiu sobre o que significaria levar antropologicamente e ontologicamente a sério os objetos da ciência. É interessante notar que toda vez que um filósofo ou uma filósofa se aproxima de um objeto científico que é ao mesmo tempo histórico e interessante, sua filosofia muda e as especificações do que seria uma atitude realista tornam-se, ao mesmo tempo, mais rigorosas e completamente diferentes da chamada filosofia realista da ciência, preocupada com objetos rotineiros ou entediantes. No início de 2003, eu estava

23 Embora Fleck seja o fundador dos estudos das ciências, o impacto de seu trabalho só se fará sentir no futuro, e isso porque ele foi profundamente mal compreendido por Thomas Kuhn; ver Kuhn, Thomas. Foreword. In: Fleck, Ludwik. *Genesis and Development of a Scientific Fact*. Chicago: University Of Chicago Press, 1979. p. vii-ix.

24 Ver Hacking, Ian. *The Social Construction of What?* Cambridge: Harvard University Press, 1999, em particular o último capítulo.

lendo a passagem sobre o desastre da *Challenger* em seu livro *Statues*, quando outro ônibus espacial, o *Columbia*, me proporcionou um exemplo trágico de mais uma metamorfose de um objeto em uma coisa.²⁵

Que outro nome vocês dariam a essa súbita transformação de um projétil completamente dominado, perfeitamente compreendido, quase esquecido pela mídia, tido como uma mera questão de fato já certa, em uma chuva de destroços caindo sobre os Estados Unidos, os quais milhares de pessoas tentaram salvar em meio à lama e à chuva, e juntar em um enorme hangar para servirem como evidências em uma investigação científico-judicial? Aqui, de repente, de um só golpe, um objeto havia se tornado uma coisa, uma questão de fato foi considerada uma questão de grande interesse. Se uma coisa é uma reunião, como Heidegger diz, é impressionante ver como ela pode se *desfazer* de repente. Se a “coisificação da coisa” é um encontro que sempre conecta os “quatro unidos, terra e céu, divindades e mortais, na unidade simples de sua quadratura, que se unifica por si mesma”,²⁶ que melhor exemplo deste fazer e desfazer do que essa catástrofe desdobrando todas as suas milhares de dobras? Como poderíamos ver nisso um simples acidente tecnológico quando, em sua homenagem às infelizes vítimas, o presidente disse: “A tripulação do ônibus espacial *Columbia* não retornou à Terra com segurança; mas podemos orar para que todos estejam seguros em casa?”²⁷ Como se os ônibus espaciais não se movessem apenas no espaço, mas também no Céu.

Isso foi na C-Span 1, mas na C-Span 2, quase ao mesmo tempo, no início de fevereiro de 2003, outro evento paralelo extraordinário estava ocorrendo. Desta vez uma Thing – com T maiúsculo – foi convocada para tentar aglutinar, reunir em uma única decisão, um objeto, uma demonstração de força: um ataque militar contra o Iraque. Mais uma vez, era difícil dizer se essa reunião era um tribunal, um parlamento, uma sala de comando e controle durante uma guerra, um clube de homens ricos, um congresso científico ou o palco de um programa de TV. Mas certamente era uma assembleia, onde questões de grande interesse foram debatidas e comprovadas – exceto que

25 Ver Serres, Michel. *Statues: Le second livre des fondations*. Paris: François Bourin, 1987. Sobre a razão pela qual Serres nunca foi crítico, ver Serres, Michel; Latour, Bruno. *Conversations on Science, Culture, and Time*. Ann Arbor: University of Michigan Press., 1995.

26 Heidegger, Martin. *The Thing*, in: *Poetry, Language, Thought*. New York: Harper Perennial, 1971, p. 178.

27 CNN. *Bush Talking More about Religion: Faith to Solve the Nation's Problems*. Anteriormente disponível em: www.cnn.com/2003/ALLPOLITICS/02/18/bush.faiht/.

havia muita discordância sobre que tipo de provas deveriam ser fornecidas e o quão precisas elas eram. A diferença entre C-Span 1 e C-Span 2, como eu assistia perplexo, era que enquanto, no caso da *Columbia*, tivemos um objeto perfeitamente dominado que de repente se transformou em uma chuva de detritos em chamas que foram usados como evidências em uma investigação, lá, nas Nações Unidas, tivemos uma investigação que tentou coalescer, em um objeto unificador, unânime, sólido, controlado, um enorme número de pessoas, opiniões e poder. No primeiro caso, o objeto foi metamorfoseado em uma coisa; no segundo, a coisa estava tentando se transformar em um objeto. Pudemos testemunhar, em um caso, a cabeça, em outro, a cauda da trajetória pela qual fatos emergem de questões de interesse. Em ambos os casos, fomos proporcionada uma janela única pela qual poderíamos ver o número de coisas que têm de participar da reunião de um *objeto*. Heidegger não era um bom antropólogo da ciência e da tecnologia; ele tinha apenas quatro dobras, enquanto a menor nave espacial, a guerra mais curta, tem milhões. Quantos deuses, paixões, controles, instituições, técnicas, diplomacia e inteligência precisam ser cruzados para conectar “terra e céu, divindades e mortais” – ah sim, especialmente os mortais. (Que presságio assustador, deslanchar uma guerra tão complicada, exatamente quando um objeto tão maravilhosamente dominado como o ônibus espacial se desintegrou em milhares de destroços que caíram como chuva do céu – mas o presságio não foi ouvido; os deuses hoje em dia são invocados apenas por conveniência.)

Meu argumento, portanto, é bem simples: as coisas se tornaram *Things* novamente, os objetos retornaram à arena, à *Thing*, na qual eles têm que ser primeiro reunidos, para depois poderem existir como algo *separado*. O parêntese que podemos chamar de parêntese moderno, durante o qual tínhamos, de um lado, um mundo de objetos, *Gegenstand*, que existiam lá fora, indiferentes a qualquer tipo de parlamento, fórum, ágora, congresso, tribunal, e, do outro lado, todo um conjunto de fóruns, locais de reunião, câmaras municipais onde as pessoas debatiam, esse parêntese se fechou. O que a etimologia da palavra *thing* – *coisa*, *causa*, *res*, *aitia* – havia conservado misteriosamente como uma espécie de passado fabuloso e mítico agora se converteu, à vista de todos, em nosso presente mais trivial. As coisas estão agregadas novamente. Não foi extraordinariamente comovente ver, por exemplo, durante o projeto de reconstrução do sul de Manhattan, as longas filas de pessoas, as mensagens inflamadas, os e-mails emocionados, as enormes ágoras, os longos editoriais que conectaram tantas pessoas a tantas variações do projeto para substituir as Torres Gêmeas? Como disse o arquiteto Daniel Libeskind alguns dias antes da decisão final, construir nunca mais será a mesma coisa.

Eu poderia abrir o jornal e mostrar o grande número de objetos antigos que se tornaram coisas novamente, desde o caso do aquecimento global que mencionei anteriormente até o tratamento hormonal da menopausa, o trabalho de Tim Lenoir, os estudos sobre primatas de Linda Fedigan e Shirley Strum, ou as hienas de meu amigo Steven Glickman.²⁸

E essas reuniões não estão limitadas ao período atual, como se só recentemente os objetos tivessem se tornado tão obviamente coisas. Todos os dias, historiadores da ciência nos ajudam a perceber até que ponto jamais fomos modernos, pois estão sempre revisando cada elemento das questões de fato do passado, desde o Galileu de Mario Biagioli, o Boyle de Steven Shapin e o Newton de Simon Schaffer, até as ligações incrivelmente intrincadas entre Einstein e Poincaré que Peter Galison narrou em sua última obra-prima.²⁹ Muitos outros, é claro, poderiam ser citados, mas o ponto crucial para mim agora é que aquilo que permitiu aos historiadores, filósofos, humanistas e críticos traçar a diferença entre o moderno e o pré-moderno, a saber, o surgimento repentino e um tanto miraculoso dos fatos, é agora posto em dúvida com a transformação destes últimos em questões de interesse altamente complexas, historicamente situadas e ricamente diversas. Pode-se fazer um tipo de coisa com canecas, jarras, pedras, cisnes, gatos, tapetes, mas não com a sincronização elétrica dos relógios do escritório de patentes de Einstein em Berna. Coisas agregadas não podem ser jogadas contra você como objetos.

E, no entanto, sei muito bem que isso não é suficiente porque, não importa o que façamos, quando tentamos reconectar objetos científicos com suas auras, suas coroas, suas redes de associações, quando os seguimos de volta até suas agregações, nós sempre parecemos *enfraquecer*, ao invés de *fortalecer* seu caráter de realidade. Eu sei, eu sei, estamos agindo com as melhores intenções do mundo, queremos *acrescentar* realidade aos objetos científicos, mas, inevitavelmente, por uma espécie de viés trágico, parece que sempre acabamos subtraindo um pouco dessa realidade. Tal um garçom desajeitado colocando pratos sobre uma mesa inclinada, cada prato escorrega e se quebra no chão. Por que nunca conseguimos mostrar a mesma obstinação, o mesmo

28 Serres propôs a palavra quase-objeto para cobrir esta fase intermediária entre coisas e objetos – uma questão filosófica muito mais interessante do que aquela velha e gasta relação entre *palavras e mundos*. Sobre a nova maneira como os animais aparecem para os cientistas e os debates por ela suscitados, ver Strum, Shirley; Fedigan, Linda (Orgs.). *Primate Encounters: Models of Science, Gender, and Society*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000, e Despret, Vinciane. *Quand le loup habitera avec l'agneau*. Paris: Les Empêcheurs de penser en rond, 2002.

29 Ver Galison, Peter. *Einstein's Clocks, Poincaré's Maps: Empires of Time*. New York: WW. Norton, 2003.

realismo sólido, quando trazemos à tona as óbvias complexidades, as qualidades claramente “de rede”, “de coisas”, das questões de interesse? Por que nunca conseguimos combater a alegação dos realistas de que apenas uma porção substancial de fatos é capaz de satisfazer seu apetite e que questões de interesse são muito parecidas com a *nouvelle cuisine* – agradáveis de olhar, mas não satisfazem apetites vorazes?

Um motivo, claro, é que, na maior parte das ciências sociais, os objetos ganharam uma posição tão ridiculamente inútil que, nessa posição, mesmo que utilizada em menor escala, para lidar com ciência, tecnologia, religião, direito ou literatura, será absolutamente impossível qualquer consideração séria de objetividade – quer dizer, de “coisidade”. Por que é assim? Deixe-me tentar retratar o cenário crítico em seu estado comum e rotineiro.³⁰

Calculo que podemos resumir 90% da cena crítica contemporânea na seguinte série de diagramas que fixam o objeto em apenas duas posições, as quais chamei de posição de *fato* e posição de *fantasia*³¹ – *fato* e *fantasia* são etimologicamente relacionados, mas não vou desenvolver esse ponto aqui. A posição de *fantasia* é muito bem conhecida e é usada repetidamente por vários cientistas sociais que associam a crítica ao antifetichismo. O papel do crítico seria então mostrar que aquilo que os crédulos ingênuos estão fazendo com os objetos é simplesmente uma projeção de seus desejos sobre uma entidade material que não faz nada por si mesma. Nesse caso eles desviam para seu próprio interesse mesquinho aquela fulminação profética contra os ídolos: “eles têm bocas e não falam, têm ouvidos e não ouvem”; mas usam essa profecia para desacreditar os próprios objetos da crença – deuses, moda, poesia, esporte, desejo, o que for – aos quais os crédulos ingênuos se agarram com tanto fervor.³² E então o corajoso crítico, que é o único que permanece consciente e atento, que nunca dorme, transforma aqueles falsos objetos em fetiches que supostamente não são nada além de meras telas em branco, sobre as quais é projetado o poder da sociedade, da dominação, seja o que for. O crédulo ingênuo acaba de receber um primeiro golpe. (fig. 2)

30 Resumo aqui alguns dos resultados de minha investigação antropológica já de longa data sobre o gesto iconoclasta, desde Latour, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009 até *A esperança de Pandora*. São Paulo: Editora Unesp, 2017 e é claro *Iconoclash*.

31 No original, “the *fact* position and the *fairy* position” [N.T.].

32 Ver Pietz, William. The Problem of the Fetish, I. *Res: Anthropology And Aesthetics*, Chicago, v. 9, p. 5-17, 1985; The Problem of the Fetish, II: The Origin of the Fetish. *Res: Anthropology and Aesthetics*, Chicago, v. 13, p. 23-45, 1987; e The Problem of the Fetish, IIIa: Bosman’s Guinea and the Enlightenment Theory of Fetishism. *Res: Anthropology and Aesthetics*, Chicago, v. 16, p. 105-123, 1988.

Gesto Crítico: Primeiro Movimento



Figura 2

Mas, aguardem, um segundo golpe está por vir e desta vez vem do pólo dos fatos. Agora é o pobre sujeito, novamente pego desprevenido, cujo comportamento é “explicado” pelos poderosos efeitos de incontestáveis fatos: “Vocês, fetichistas ordinários, acreditam que são livres, mas na verdade são acionados por forças das quais nem têm consciência. Olhem pra elas, olhem, seus cegos idiotas” (e aqui se insere qualquer fato de estimação com que os cientistas sociais gostem de trabalhar, extraído da infraestrutura econômica, dos campos discursivos, da dominação social, raça, classe ou gênero, talvez até acrescentando uma pitada de neurobiologia, de psicologia evolutiva, seja o que for, desde que atue como fato incontestável cuja origem, fabricação e modo de desenvolvimento se mantenham não-examinados) (fig. 3).

Gesto Crítico: Segundo Movimento

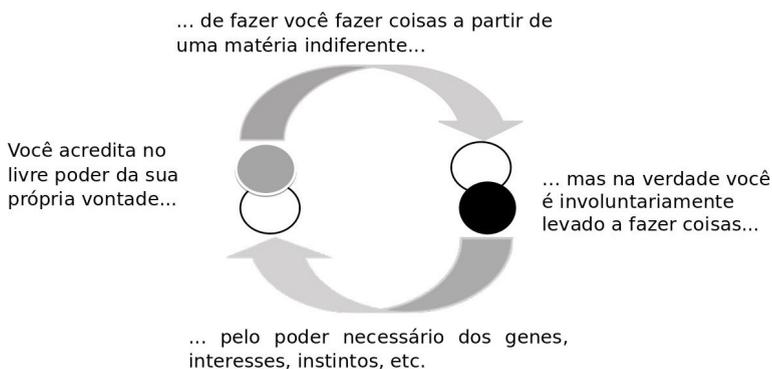
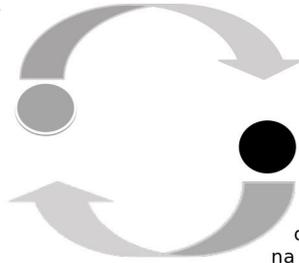


Figura 3

Veem agora por que é tão bom ser um espírito crítico? Por que a crítica, este *pharmakon* tão ambíguo, se tornou uma droga eufórica altamente potente? Você está sempre certo! Quando crédulos ingênuos se agarram firmemente aos seus objetos, alegando que são forçados a fazer coisas por causa de seus deuses, sua poesia, seus objetos tão queridos, você pode transformar todos esses vínculos em fetiches e humilhá-los, mostrando que estes nada mais são do que suas próprias projeções, as quais você, sim, só você, é capaz de enxergar. Mas tão logo os crédulos ingênuos então se inflem da crença em sua própria importância, em sua própria capacidade projetiva, você os acerta com um segundo golpe e os humilha novamente, desta vez ao mostrar que, o que quer que pensem, seus comportamentos são inteiramente determinados pela ação de causalidades poderosas vindas de uma realidade objetiva que eles não veem, mas que você, sim, só você, o crítico que nunca dorme, consegue ver. Isso não é fabuloso? Não vale a pena ir para a faculdade estudar crítica? “Entrem aqui, pobres coitados. Após árduos anos lendo prosa pomposa, vocês estarão sempre certos, nunca mais serão enganados; ninguém, por mais poderoso que seja, poderá acusá-los de ingenuidade, esse pecado supremo. Mais bem equipados que o próprio Zeus, vocês governarão sozinhos, atacando de cima com o golpe do antifetichismo em uma mão e a causalidade sólida da objetividade na outra.” O único perdedor é o crédulo ingênuo, a ralé, sempre pego desprevenido (fig. 4).

Quando ele ou ela
desmente as alegações
do fetichista e mostra o
trabalho feito por suas
mãos...



**... mas o crítico está
sempre certo!**

... ou quando ele ou ela
desmente a crença ingênua
na liberdade e mostra o poder
da determinação.

Figura 4

É tão surpreendente, afinal, que, com tais posições atribuídas ao objeto, as ciências humanas tenham perdido os corações de seus concidadãos, que tenham tido que, ano após ano, entrincheirar-se cada vez mais longe, nos pequenos quartéis que lhes foram deixados por decanos cada vez mais mesquinhos? O Zeus da Crítica reina absoluto, isto é certo, mas o faz sobre um deserto.

Uma coisa é clara: nenhum de nós, leitores, gostaria de ver os *nossos* objetos de maior apreço tratados dessa maneira. Nos retrairíamos horrorizados diante da mera sugestão de explicá-los socialmente, quer trabalhemos com poesia ou robôs, células-tronco, buracos negros ou impressionismo, quer sejamos patriotas, revolucionários ou advogados, quer rezemos a Deus ou depositemos nossas esperanças na neurociência. É por isso que, na minha opinião, aqueles de nós que tentaram retratar as ciências como questões de interesse tantas vezes falharam em convencer; os leitores confundiram o tratamento dado aos antigos fatos com o terrível destino dos objetos processados pelas mãos da sociologia, dos estudos da cultura, e assim por diante. E não posso culpar os nossos leitores. O que os cientistas sociais fazem com nossos objetos favoritos é tão horrível que nós certamente não queremos que eles cheguem perto. “Por favor”, exclamamos, “não toquem neles! Não tentem explicá-los!” Ou podemos sugerir, de forma mais educada: “Por que vocês não seguem adiante até aquele outro departamento ali no final do corredor? *Eles sim* têm fatos ruins para explicar; por que vocês não explicam esses em vez

dos nossos?” E essa é a razão pela qual, quando queremos respeito, solidez, obstinação, robustez, todos nós preferimos nos ater à linguagem das questões de fato, apesar de seus defeitos já bem conhecidos.

Mas esse não é o único caminho, porque o tratamento cruel a que os objetos são submetidos nas mãos do que eu chamaria de *barbárie crítica* é bem fácil de desfazer. Se o bárbaro crítico parece tão poderoso, é porque os dois mecanismos que acabei de resumir nunca são reunidos em um mesmo diagrama (fig. 5).

O Truque Crítico: Dois Objetos - Dois Sujeitos

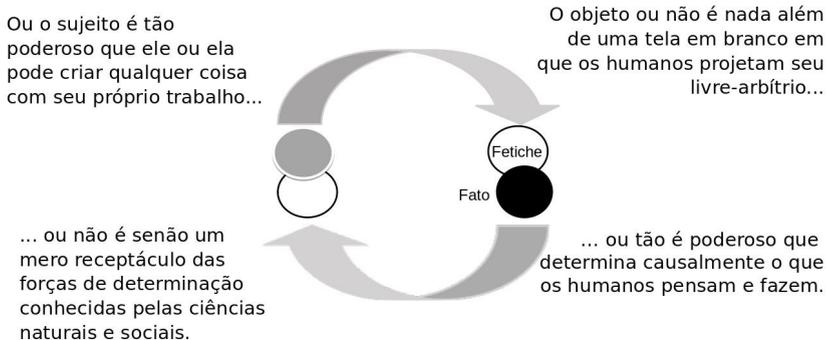


Figura 5

Os antifetichistas desmentem objetos em que não acreditam, mostrando as forças de produção e projeção humanas; e então, sem nunca fazer a conexão, utilizam objetos em que acreditam para recorrer a explicações causais ou mecânicas e desmistificar as capacidades conscientes de pessoas cujo comportamento não aprovam. Todo o truque, bem pobre, que permite que a crítica continue, apesar de que nunca confiaríamos nossos próprios objetos de valor à sua sórdida loja de penhores, é que nunca há um *cruzamento entre as duas listas de objetos*, na posição de fato e na posição de fantasia. É por isso que se pode ser, ao mesmo tempo e sem jamais notar qualquer contradição nisso, (1) um antifetichista para tudo em que não se acredita – na maioria das vezes religião, cultura popular, arte, política e assim por diante; (2) um positivista contumaz para todas as ciências em que se acredita – sociologia, economia, teorias conspiratórias, genética, psicologia evolucionista, semiótica, basta

escolher o seu campo de estudos preferido; e (3) um realista perfeitamente robusto e saudável para o que realmente se valoriza – e é claro que isso pode ser a própria crítica, mas também pode ser a pintura, a observação de pássaros, Shakespeare, babuínos, proteínas e assim por diante.

Se acham que estou exagerando em meu retrato algo sombrio do cenário crítico, é porque não tivemos quase nenhuma chance, até agora, de detectar a total incompatibilidade dos três repertórios contraditórios – antifetichismo, positivismo, realismo – já que sempre conseguimos, cuidadosamente, aplicá-los a assuntos *diferentes*. Explicamos os objetos que não aprovamos tratando-os como fetiches; damos conta dos comportamentos de que não gostamos por meio de disciplinas cuja proveniência não examinamos; e concentramos nosso fascínio apenas nas coisas que são para nós questões dignas de interesse. Mas é claro que uma atitude tão descuidada com repertórios tão contraditórios não é possível para aqueles de nós, nos estudos das ciências, que precisam lidar com situações que não se encaixam nem na lista de fetiches plausíveis – porque todos, inclusive nós, de fato acreditam muito fortemente neles – nem na lista de fatos incontestáveis, porque testemunhamos seu nascimento, sua lenta construção, sua fascinante emergência enquanto questões de interesse. A metáfora da Revolução Copernicana, tão atrelada ao destino da crítica, sempre foi para nós, estudiosos das ciências, algo discutível. É por isso que, com mais do que uma boa dose de corporativismo disciplinar, considero esse minúsculo campo tão importante; é a pequena pedra no sapato que pode tornar a patrulha rotineira dos bárbaros críticos mais e mais dolorosa.

O erro seria acreditar que também nós fornecemos uma explicação social dos fatos científicos. Não, mesmo que seja verdade que a princípio tentamos, como bons críticos treinados nas boas escolas, usar os armamentos fornecidos por nossos melhores veteranos para decifrar – uma de suas expressões favoritas, significando destruir – a religião, o poder, o discurso, a hegemonia. Mas felizmente (sim, felizmente!), uma após a outra, testemunhamos que as caixas pretas da ciência permaneceram intactas e que, em vez delas, eram as nossas ferramentas que estavam largadas no canto da nossa oficina, quebradas e desmanteladas. Simplificando, a crítica foi inútil contra objetos que tinham alguma solidez. Você pode experimentar o jogo projetivo em OVNI's ou em divindades exóticas, mas não tente fazê-lo com neurotransmissores, com a lei da gravitação ou com o método de Monte Carlo. Mas a crítica também é inútil quando começa a usar de forma acrítica os resultados de uma ciência, seja ela a própria sociologia, a economia ou o pós-imperialismo, para explicar o comportamento das pessoas. Pode-se tentar esse jogo miserável de explicar

uma agressão invocando a composição genética das pessoas violentas, mas tente fazer isso levando também em consideração as muitas controvérsias na genética, incluindo a das teorias evolucionistas em que os geneticistas se encontram mergulhados até o pescoço.³³

Em ambos os casos, as questões de interesse nunca ocupam as duas posições que a barbárie crítica reserva para elas. Os objetos são fortes demais para serem tratados como fetiches e fracos demais para serem tratados como explicações causais indiscutíveis de alguma ação inconsciente. E isso não é verdade apenas quando se trata de estados de coisas científicas; esta é nossa grande descoberta, o que fez com que os estudos das ciências cometessem um erro tão afortunado, uma *felix culpa*. Uma vez que se percebe que objetos científicos não podem ser explicados socialmente, também se percebe que os chamados objetos fracos, aqueles que parecem bons candidatos à acusação de antifetichismo, tampouco eram meras projeções sobre uma tela em branco.³⁴ Eles também agem, eles também fazem coisas, eles também *fazem você fazer* coisas. Não são apenas os objetos da ciência que resistem, mas todos os outros também, aqueles que deveriam ter sido reduzidos a pó pelos poderosos dentes dos desconstrutivistas com seus reflexos automáticos. Acusar algo de ser um fetiche é o gesto maximamente gratuito, desrespeitoso, insano e bárbaro.³⁵

Não está na hora de progredir um pouco? À posição de fato, à posição de fantasia, por que não adicionar uma terceira posição, uma posição *justa*?³⁶ É realmente pedir demais de nossa vida intelectual coletiva que invente, pelo menos uma vez por século, novas ferramentas críticas? Não deveríamos nos sentir completamente humilhados ao ver que os militares são mais atentos, mais vigilantes, mais inovadores do que nós, o orgulho da academia, o *crème de la crème*, que continuamos transformando incessantemente o resto do mundo em crédulos ingênuos, em fetichistas, em infelizes vítimas da dominação, ao mesmo tempo em que os transformamos em meros efeitos de

33 Para um exemplo impressionante, ver Kupiec, Jean-Jacques; Sonigo, Pierre. *Ni Dieu ni gène: Pour une autre théorie de l'hérédité*. Paris: Éditions du Seuil, 2000; ver também Fox-Keller, Evelyn. *The Century of the Gene*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

34 Tentei usar esse argumento recentemente em dois dos tipos mais difíceis de entidades, as divindades cristãs: Latour, Bruno. *Jubiler ou les tourments de la parole religieuse*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond, 2002; e o direito: Latour, Bruno. *La Fabrique du droit: Une Ethnographie du Conseil d'État*. Paris: La Découverte, 2002.

35 A exposição *Iconoclash*, em Karlsruhe, na Alemanha, foi uma espécie de ritual tardio para expiar tanta destruição arbitrária.

36 Jogo de palavras entre “fairy position” e “fair position”. [N.T.]

superfície de causalidades poderosas ocultas provenientes de infraestruturas cuja composição nunca é examinada? E isso tudo enquanto, em nosso íntimo, estamos certos de que as coisas que nos são realmente caras não caberiam de forma alguma em qualquer dessas categorias. Vocês não estão todos cansados dessas “explicações”? Eu estou, sempre estive, quando penso, por exemplo, que o Deus a quem eu rezo, as obras de arte que aprecio, o câncer de cólon contra o qual venho lutando, a legislação que estou estudando, o desejo que sinto, e até o próprio livro que estou escrevendo não poderiam de maneira alguma ser explicados pela via do fetiche ou do fato, nem por uma combinação dessas duas posições absurdas.

Para recuperar uma atitude realista, não basta desmontar as armas críticas, construídas de maneira tão acrítica por nossos antecessores, como faríamos com silos atômicos obsoletos mas ainda perigosos. Se quiséssemos desmontar apenas a teoria social, seria bem simples; como o império soviético, essas grandes totalidades têm pés de barro. Mas a dificuldade é que elas foram construídas sobre uma filosofia muito mais antiga, de modo que, sempre que tentamos substituir questões de fato por questões de interesse, parece que perdemos algo no caminho. É como tentar encher o tonel mítico das Danaides – não importa o que coloquemos nele, o nível de realismo nunca aumenta. Enquanto não vedarmos os vazamentos, a atitude realista estará sempre dividida; as questões de fato levam a melhor parte, e as questões de interesse ficam limitadas a uma *história* rica, mas essencialmente vazia e irrelevante. Mais sempre parecerá menos. Embora eu queira manter esse artigo curto, preciso de mais algumas páginas para explorar modos de superar essa bifurcação.

Alfred North Whitehead disse, famosamente: “Recorrer à metafísica é como jogar um fósforo aceso em um depósito de pólvora. Tudo vai pelos ares.”³⁷ Não posso evitar entrar neste assunto, pois falei tanto sobre sistemas de armamentos, explosões, iconoclastias e arenas. De todos os filósofos modernos que tentaram superar as questões de fato, Whitehead foi o único que, em vez de tomar o caminho da crítica e redirecionar sua atenção dos fatos em direção ao que os torna possíveis, como fez Kant; ou acrescentar algo a seu esqueleto, como fez Husserl; ou evitar ao máximo o destino de sua dominação, de sua *Gestell*, como Heidegger; tentou chegar *mais perto* deles ou, mais exatamente, tentou enxergar, através deles, a realidade que exigia uma nova atitude, respeitosa e

37 Whitehead, Alfred North. *The Concept of Nature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1920, p. 29; a seguir abreviado como CN. [O *Conceito de Natureza*. São Paulo: Martins Fontes: 1994, p. 36. (tradução modificada) N.T.]

realista. Ninguém é menos crítico que Whitehead, em todos os significados da palavra, e é divertido notar que o único ataque que ele já dirigiu a alguém foi contra o outro W., aquele considerado, erroneamente, na minha opinião, como o maior filósofo do século XX, não W. de Bush, mas W. de Wittgenstein.

O que pôs Whitehead completamente à parte, e diretamente em nosso caminho, é que ele considerava “fatos” uma tradução muito pobre daquilo que é dado na experiência, confundindo inteiramente a questão: O que há? com esta outra: Como conhecemos o que há?, como mostrou recentemente Isabelle Stengers em um grande livro sobre a filosofia de Whitehead.³⁸ Aqueles que agora zombam de sua filosofia não entendem que se resignaram ao que ele chamou de “bifurcação da natureza”. Esqueceram completamente o que seria preciso para levarmos esta incrível sentença a sério:

Para a filosofia natural, tudo que é percebido está na natureza. Nós não podemos escolher só uma parte. Para nós, o fulgor avermelhado do poente deve ser parte tão integrante da natureza quanto o são as moléculas e as ondas elétricas por intermédio das quais os homens da ciência explicariam o fenômeno. (CN, p. 37)³⁹

Todas as filosofias subsequentes fizeram exatamente o oposto: elas escolheram só uma parte, e, pior, ficaram satisfeitas com essa escolha tão limitada. A solução para tal bifurcação não é, como gostariam os fenomenólogos, adicionar às tediosas ondas elétricas o rico mundo vivido do sol brilhante. Isso simplesmente agravaria a bifurcação. A solução, ou melhor, a aventura, segundo Whitehead, é mergulhar bem mais fundo na atitude realista e perceber que fatos é uma definição totalmente implausível, irrealista e injustificada do que significa lidar com coisas:

Assim, a matéria representa a recusa de se pensar até o fim características espaciais e temporais e de chegar ao conceito bruto de uma entidade individual. Foi essa recusa que causou a confusão de exportar simples procedimentos de pensamento para o fato da natureza. A entidade despida de todas as características, exceto as do espaço e do tempo, adquiriu um

38 Ver Stengers, Isabelle. *Penser avec Whitehead: Une Libre et sauvage création de concepts*. Paris: Éditions du Seuil, 2002, um livro que possui a grande vantagem de levar a sério tanto a ciência de Whitehead como sua teoria de Deus.

39 Whitehead, A. N, op. cit., p.28-29 (Tradução modificada.) [N. T.]

estatuto físico como o componente último da natureza; assim, o curso da natureza é concebido como sendo meramente o destino da matéria em sua aventura pelo espaço. [CN, pp. 26-27]⁴⁰

Não é o caso de dizer que existem fatos sólidos e que o próximo passo seja decidirmos se eles serão usados para explicar alguma coisa. Tampouco a outra solução seria atacar, criticar, expor, historicizar esses fatos, para mostrar que eles são construídos, interpretados, flexíveis. Nem é o caso de fugirmos deles para a mente, ou de acrescentarmos a eles dimensões simbólicas ou culturais; o ponto é que fatos são *aproximações* ruins da experiência e da experimentação e, eu acrescentaria, um feixe confuso de polêmicas, de epistemologia, de políticas modernistas, que não podem de forma alguma pretender representar aquilo que uma atitude realista requer.⁴¹

Whitehead não é um autor conhecido por manter o leitor acordado, mas quero indicar ao menos a *direção* da nova atitude crítica com que desejo substituir as velhas rotinas da maior parte das teorias sociais.

A solução está, me parece, nesta promissora palavra, *reunião*,⁴² que Heidegger havia introduzido para explicar a “coisidade da coisa”. Ora, sei muito bem que Heidegger e Whitehead não teriam nada a dizer um ao outro, e, ainda assim, a palavra que este último usou em *Processo e Realidade* para descrever “ocasiões atuais”, sua expressão para as minhas questões de interesse, foi *sociedades*. Que é também, aliás, o termo usado por Gabriel Tarde, o verdadeiro fundador da sociologia francesa, para descrever todos os tipos de entidades. Esse termo é próximo o suficiente de *associação*, que usei esse tempo todo para descrever os objetos da ciência e da tecnologia. Andrew Pickering usaria a expressão “calandragem da prática.”⁴³ Quaisquer que sejam os termos usados,

40 Whitehead, A. N, op. cit., p.20 (Tradução modificada.) [N. T.]

41 Que questões de fato representam agora uma rara e complicada descrição histórica da experiência já foi deixado muito claro por vários autores; para segmentos reveladores dessa história, ver Licoppe, Christian. *La Formation de la pratique scientifique: Le Discours de l'expérience en France et en Angleterre (1630–1820)*. Paris: La Découverte, 1996; Poovey, Mary. *A History of the Modern Fact: Problems of Knowledge in the Sciences of Wealth and Society*. Chicago: University of Chicago Press, 1999; Daston, Lorraine; Park, Katherine. *Wonders and the Order of Nature, 1150–1750*. New York: NY Zone, 1998; e Galison, Caroline A.; Slaton, Amy (Orgs.). *Picturing Science, Producing Art*. New York: Routledge, 1998.

42 *Gathering* no original. [N.T.]

43 Ver Pickering, Andrew. *The Mangle of Practice: Time, Agency, and Science*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

de toda forma, o que se apresenta aqui é uma atitude inteiramente diferente da atitude crítica, não uma fuga para as condições de possibilidade de um dado fato, não a adição de algo mais humano que estaria faltando nos fatos inumanos, mas, antes, uma investigação diversificada, lançada com as ferramentas da antropologia, filosofia, metafísica, história e sociologia, para detectar *quantos participantes* precisam se reunir em uma *coisa* para fazê-la existir e mantê-la existindo. Objetos são apenas reuniões que fracassaram – um fato que não foi agregado de acordo com o processo correto.⁴⁴ A teimosia dos fatos, na cena habitual do oponente intransigente – “O objeto existe, quer você goste ou não” –, é bem parecida com aquela dos manifestantes políticos de direita: “Brasil, ame-o ou deixe-o”,⁴⁵ quer dizer, um substituto muito ruim para qualquer tipo de existência vibrante, articulada, robusta, decente e duradoura.⁴⁶ Uma reunião, isto é, uma coisa, uma questão dentro de uma *Thing*, uma arena, pode ser muito robusta, desde que o número de participantes ou ingredientes, tanto não-humanos como humanos, não seja limitado de antemão.⁴⁷ É totalmente errado dividir o coletivo, como eu o chamo, entre os sólidos fatos, por um lado, e as aglomerações dispensáveis, por outro. Arquimedes falava por toda uma tradição quando exclamou: “Deem-me um ponto fixo e eu moverei a Terra”, mas não estarei também falando por outra tradição, bem menos prestigiada, mas talvez igualmente respeitável, se eu exclamar: “Deem-me uma questão de interesse e eu lhes mostrarei toda a terra e todos os céus que têm que ser reunidos para mantê-la firmemente no lugar”? Para mim, não tem sentido reservar o vocabulário realista apenas para o primeiro. O crítico não é aquele que desmascara, mas aquele que agrega. O crítico não é aquele que tira o tapete debaixo dos pés dos crédulos ingênuos, mas quem oferece aos participantes arenas nas quais podem se reunir. O crítico não é quem alterna aleatoriamente entre antifetichismo e positivismo, como o iconoclasta bêbado desenhado por Goya, mas aquele para quem, se algo é construído, então significa que é frágil

44 Ver Latour, Bruno. *Politics of Nature: How to Bring the Sciences into Democracy*. Cambridge: Harvard University Press, 2004. Em português, Latour, Bruno. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru: EDUSC, 2004.

45 No original: “the stubbornness of political demonstrators: ‘the U.S., love it or leave it’”. [N.T.]

46 Ver a interpretação engraçadíssima do gesto realista em Ashmore, Malcolm; Edwards, Derek et al., “The Bottom Line: The Rhetoric of Reality Demonstrations”. *Configurations* 2, [S.l.], v. 2, n. 1, pp. 1–14, 1994.

47 Este é o desafio de uma nova exposição que estou montando com Peter Weibel em Karlsruhe, que deve ocorrer em 2004 sob o título provisório de “Making Things Public”. Essa exposição irá explorar o que *Iconoclash* apenas apontou, a saber, para além das guerras da imagem.

e, portanto, requer muito cuidado e cautela. Estou ciente de que, para chegar ao cerne desta discussão, seria necessário reformular também o que significa ser construtivista, mas eu já disse o suficiente para indicar a direção de crítica: não *se afastar*, mas *se aproximar da reunião*, da *Thing*.⁴⁸ Não ir para o Oeste, mas, por assim dizer, em direção ao Leste.⁴⁹

O problema prático que enfrentaremos, se tentarmos ir por esse novo caminho, é o de associar a palavra *criticismo* a todo um novo conjunto de metáforas positivas, gestos, atitudes, reações automáticas e hábitos de pensamento. Para iniciar essa nova formação de hábitos, eu gostaria de propor uma outra definição de crítica, agora extraída da fonte mais improvável, a saber, o artigo original de Allan Turing sobre máquinas pensantes.⁵⁰ Tenho uma boa razão para isso: eis aqui um artigo típico sobre formalismo, a origem de um dos ícones – para usar um clichê antifetichista – da era contemporânea, a saber, o computador; e no entanto, se vocês lerem o artigo, ele é tão barroco, tão *kitsch*, com esse número impressionante de metáforas, seres, hipóteses, alusões, que não teria nenhuma chance de ser aceito hoje em dia por qualquer periódico. Mesmo o *Social Text* o rejeitaria como mais uma farsa! “De novo não!”, diriam certamente, “gato escaldado tem medo de água fria.” Quem levaria a sério um artigo que, a certa altura, depois de falar de mulheres muçulmanas, da punição de meninos, de percepção extra-sensorial, diz a seguinte frase: “Ao tentar construir tais máquinas, nós não estaríamos, de maneira irreverente, usurpando o poder [de Deus] de criar almas, não mais do que ao procriar: ao contrário, somos, em ambos os casos, instrumentos de Sua vontade, fornecendo moradas às almas por Ele criadas” (“CM”, p. 443).

Muitos deuses, sempre nas máquinas. Lembram-se de como Bush louvou a tripulação do *Columbia* por chegarem em casa no Céu, já que não o puderam fazer na Terra? Tampouco Turing consegue deixar de mencionar aqui o

48 Esse artigo acompanha um outro, Latour, Bruno, “The Promises of Constructivism,” em Ihde, Don; Selinger, Evan (Orgs.). *Chasing Technoscience: Matrix for Materiality*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 2003.

49 É por isso que, apesar de compartilhar de todas as preocupações de Zengotita, Thomas de. Common Ground: Finding Our Way Back to the Enlightenment. *Harper’s*, New York, n. 306, pp. 35–45, jan., 2003, acredito que ele esteja totalmente equivocado quanto à *direção* do movimento que propõe de volta ao futuro; retornar à atitude “natural” é um sinal de nostalgia.

50 Ver Turing, A.M. Computing Machinery and Intelligence. *Mind*. Oxford, n. 59, pp. 433–60, out., 1950; a seguir abreviado “CM”. Ver também o que Powers fez com esse artigo em seu livro Powers, Richard. *Galatea 2.2*. New York: HarperCollins, 1995; isso é crítica no sentido mais generoso do termo. Para o contexto deste artigo, consulte-se Hodges, Andrew. *Alan Turing: The Enigma*. New York: Simon & Schuster, 1983.

poder criador de Deus, ao falar dessa máquina maximamente dominada, o computador que ele inventara. É esse precisamente seu ponto. Ao computador ainda aguardam muitas surpresas; dele saem muito mais coisas do que aquilo que nele colocamos. Da maneira mais dramática, o artigo de Turing demonstra, mais uma vez, que todos os objetos nascem coisas, que todos os fatos precisam, para existir, de uma variedade vertiginosa de questões de interesse.⁵¹ O resultado surpreendente é que não dominamos aquilo que nós mesmos fabricamos, o objeto desta definição de crítica:⁵²

Voltemos por um momento à objeção de Lady Lovelace, que afirmou que a máquina só pode fazer o que lhe ensinamos. Poder-se-ia dizer que um homem pode “injetar” uma ideia na máquina e que ela responderá até um determinado ponto mas depois voltará ao silêncio, como uma corda de piano que é tocada por um martelo. Uma outra analogia seria um reator nuclear de tamanho menor que o crítico: uma ideia injetada corresponderia a um nêutron entrando no reator. Cada um desses nêutrons causará assim uma certa perturbação que por fim irá cessar. Se, no entanto, o tamanho do reator for suficientemente aumentado, a perturbação causada pela entrada de um nêutron muito provavelmente vai continuar aumentando até que o reator seja inteiramente destruído. Haverá algum fenômeno correspondente para mentes, e haverá um para máquinas? Para a mente humana parece haver. A maioria delas parece ser “sub-crítica”, isto é, corresponder, nesta analogia, a reatores de tamanho sub-crítico. Uma ideia apresentada para uma dessas mentes dará origem, em média, a menos de uma ideia como resposta. Em proporção menor há as supercríticas. Uma ideia apresentada a essas mentes pode gerar toda uma “teoria” consistindo de ideias

51 Uma definição não-formalista de formalismo foi proposta por Rotman, Brian. *Ad Infinitum: The Ghost in Turing's Machine: Taking God out of Mathematics and Putting the Body Back In*. Califórnia: Stanford University Press, 1993.

52 Já que Turing pode ser considerado o primeiro e melhor programador, aqueles que acreditam ser possível definir máquinas por meio de *inputs* e *outputs* deveriam refletir sobre esta sua confissão: “As máquinas me surpreendem muito frequentemente. Isto se dá em grande parte porque não faço cálculos suficientes para saber o que esperar que elas façam, ou melhor, porque, embora eu faça os cálculos, faço-os de maneira apressada e desleixada, assumindo riscos. Talvez eu diga a mim mesmo: ‘Pressuponho que a voltagem aqui deva ser a mesma que ali: de qualquer forma, vamos assumir que seja.’ Naturalmente, eu com frequência estou errado, e o resultado me surpreende, porque, depois que o experimento já está feito, esqueço-me de ter feito tais suposições. Essas confissões me deixam vulnerável a críticas de que minha conduta é censurável, mas não colocam em dúvida minha credibilidade quando falo sobre as surpresas com que me deparo.” [“CM”, pp. 450–451] Sobre esta definição não-formalista dos computadores, ver Cantwell Smith, Brian. *On the Origin of Objects*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1997.

secundárias, terciárias e outras mais remotas. As mentes dos animais parecem ser definitivamente sub-críticas. Aderindo a essa analogia, perguntamos: “Uma máquina pode ser supercrítica?” [“CM”, p. 454]

Todos nós conhecemos mentes sub-críticas, com certeza! O que a crítica faria se pudesse ser associada a *mais*, não a *menos*, à *multiplicação*, não à *subtração*? A teoria crítica morreu faz tempo; podemos nos tornar críticos novamente, no sentido aqui apresentado por Turing? Ou seja, gerando mais ideias do que recebemos, herdando de uma tradição crítica prestigiosa, mas sem deixá-la morrer, ou “cair em silêncio” como um piano que não é mais tocado? Isso exigiria que todas as entidades, inclusive computadores, deixem de ser objetos definidos apenas por seus *inputs* e *outputs*, e se tornem novamente coisas, mediando, reunindo, agregando muito mais dobras do que “a união dos quatro.” Se isso for possível, poderíamos então deixar que os críticos se aproximassem cada vez mais dos assuntos que prezamos e, finalmente, dizer a eles: “Sim, por favor, toquem nesses assuntos, expliquem-nos, implementem-nos.” Então teríamos superado de vez a iconoclastia.

Referências

- A REPUBLICAN Kyoto. Wall Street Journal, p. A14, 8 abr. 2003. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/SB104976564820222800>>. Acesso em: 7 ago. 2020.
- ASHMORE, Malcolm; EDWARDS, Derek et al., “The Bottom Line: The Rhetoric of Reality Demonstrations”. *Configurations* 2, [S.l.], v. 2, n. 1, pp. 1–14, 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. *The Spirit of Terrorism e Requiem for the Twin Towers*. New York: Verso, 2002.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPPELLO, Eve. *Le nouvel esprit du capitalisme*. Paris: Gallimard, 1999.
- BUSH Talking More about Religion: Faith to Solve the Nation’s Problems. CNN, 2003. Disponível em: <www.cnn.com/2003/ALLPOLITICS/02/18/bush.faith/>. Acesso em: 2003.
- CANTWELL SMITH, Brian. *On the Origin of Objects*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1997.
- DASTON, Lorraine; PARK, Katherine. *Wonders and the Order of Nature, 1150–1750*. New York: NY Zone, 1998.

- DESPRET, Vinciane. *Quand le loup habitera avec l'agneau*. Paris: Les Empêcheurs de penser en rond, 2002.
- EHRlich, Paul R.; EHRlich, Anne H.. *Betrayal of Science and Reason: How anti-environment rhetoric threatens our future*. Washington, D.C: Island Press, 1997.
- ENVIRONMENTAL Word Games. *The New York Times*, p. A16, 15 de março, 2003. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2003/03/15/opinion/environmental-word-games.html?searchResultPosition=1>>. Acesso em: 7 ago. 2020.
- FOX-KELLER, Evelyn. *The Century of the Gene*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- GALISON, Caroline A.; SLATON, Amy (Orgs.). *Picturing Science, Producing Art*. New York: Routledge, 1998.
- GALISON, Peter. *Einstein's Clocks, Poincaré's Maps: Empires of Time*. New York: W.W. Norton, 2003.
- HACKING, Ian. *The Social Construction of What?*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- HARMAN, Graham. *Tool-Being: Heidegger and the Metaphysics of Objects*. Chicago: Open Courts, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *What is a Thing?* Chicago: H. Regnery Co., 1967, p. 95.
- . *The Thing*, in: *Poetry, Language, Thought*. New York: Harper Perennial, 1971, p. 178.
- HODGES, Andrew. *Alan Turing: The Enigma*. New York: Simon & Schuster, 1983.
- KOERTGE, Noretta (org.). *A House Built on Sand: Exposing Postmodernist Myths about Science*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- KUHN, Thomas. Foreword. In: FLECK, Ludwik. *Genesis and Development of a Scientific Fact*. Chicago: University Of Chicago Press, 1979. p. vii-ix.
- KUPIEC, Jean-Jacques; SONIGO, Pierre. *Ni Dieu ni gène: Pour une autre théorie de l'hérédité*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- LATOUR, Bruno. *A esperança de Pandora*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- . Gabriel Tarde and the End of the Social. In JOYCE, Patrick (org.), *The Social in Question: New Bearing in History and the Social Sciences*. Londres: Routledge, 2002, p. 117–132.
- . *Jubiler ou les tourments de la parole religieuse*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond, 2002.
- . *La Fabrique du droit: Une Ethnographie du Conseil d'État*. Paris: La Découverte, 2002.
- . "The Promises of Constructivism," em IHDE, Don; SELINGER, Evan (Orgs.). *Chasing Technoscience: Matrix for Materiality*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 2003.
- . *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru: EDUSC, 2004.
- . *Politics of Nature: How to Bring the Sciences into Democracy*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- . *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

- LATOURE, Bruno; WEIBEL, Peter (orgs.). *Iconoclash: Beyond the Image Wars in Science, Religion and Art*. Cambridge: MIT Press, 2002.
- LICOPPE, Christian. *La Formation de la pratique scientifique: Le Discours de l'expérience en France et en Angleterre (1630–1820)*. Paris: La Découverte, 1996.
- MEYSSAN, Thierry. *911: The Big Lie*. Londres: Carnot Pub, 2002.
- PAUMGARTEN, Nick. Dept. of Super Slo-Mo: No Flag on the Play. *The New Yorker*, p. 32, 20 Jan. 2003.
- PICKERING, Andrew. *The Mangle of Practice: Time, Agency, and Science*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- PIETZ, William. The Problem of the Fetish, I. *Res: Anthropology And Aesthetics*, Chicago, v. 9, p. 5-17, 1985.
- _____. The Problem of the Fetish, II: The Origin of the Fetish. *Res: Anthropology And Aesthetics*, Chicago, v. 13, p. 23-45, 1987.
- _____. The Problem of the Fetish, IIIa: Bosman's Guinea and the Enlightenment Theory of Fetishism. *Res: Anthropology And Aesthetics*, Chicago, v. 16, p. 105-123, 1988.
- POOVEY, Mary. *A History of the Modern Fact: Problems of Knowledge in the Sciences of Wealth and Society*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.
- POWERS, Richard. *Galatea 2.2*. New York: HarperCollins, 1995.
- _____. *Plowing the Dark*. Nova York: Picador USA, 2000.
- ROTMAN, Brian. *Ad Infinitum: The Ghost in Turing's Machine: Taking God out of Mathematics and Putting the Body Back In*. California: Stanford University Press, 1993.
- SERRES, Michel. *Statues: Le second livre des fondations*. Paris: François Bourin, 1987.
- SERRES, Michel; LATOUR, Bruno. *Conversations on Science, Culture, and Time*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995.
- STENGERS, Isabelle. *Penser avec Whitehead: Une Libre et sauvage création de concepts*. Paris: Éditions du Seuil, 2002.
- STRUM, Shirley; FEDIGAN, Linda (Orgs.). *Primate Encounters: Models of Science, Gender, and Society*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.
- THOMAS, Yan. Res, chose et patrimoine: note sur le rapport sujet-objet en Droit romain. *Archives de Philosophie Du Droit*, [S.l.], v. 25, p. 413-426, 1980.
- TURING, A.M. Computing Machinery and Intelligence. *Mind*. Oxford, n. 59, pp. 433–60, out., 1950.
- WATERS, Lindsay. *Enemies of Promise: publishing, perishing and the eclipse of scholarship*. Chicago: Prickly Paradigm, 2004.
- WHITEHEAD, Alfred North. *The Concept of Nature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1920.
- WHITEHEAD, Alfred North. *O Conceito de Natureza*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- ZENGOTITA, Thomas de. Common Ground: Finding Our Way Back to the Enlightenment. *Harper's*, New York, n. 306, pp. 35–45, jan., 2003.